



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0264/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 28/09/2025

Ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita se encontra com chefe da ONU à margem da UNGA



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, reuniu-se com o Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, em Nova York na passada sexta-feira, à margem da 80ª sessão da Assembleia Geral da ONU.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, reuniu-se ontem sábado com o Secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, em Nova York, à margem da 80ª sessão da Assembleia Geral da ONU.

Suas conversas se concentraram no fortalecimento da cooperação entre o Reino e a ONU, com ambos os lados enfatizando a importância de reforçar a acção multilateral para enfrentar os desafios globais acelerados, informou a Agência de Imprensa Saudita. Eles também discutiram mecanismos internacionais para lidar com crises humanitárias e conflitos regionais, bem como maneiras de melhorar o papel da ONU como uma plataforma abrangente que apoia causas justas e ajuda os povos em todo o mundo a alcançar segurança, estabilidade e prosperidade. A reunião contou com a presença de altos funcionários sauditas, incluindo Abdulaziz bin Mohammed Al-Wasil, representante permanente do Reino na ONU. **Fonte-Arab News.**

Em discurso abrangente na ONU, ministro das Relações Exteriores saudita exige o fim do genocídio em Gaza e apresenta visão para a paz regional



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita pediu ontem sábado uma intervenção global imediata para impedir o genocídio em Gaza, defendeu o sistema multilateral e delineou a estratégia do Reino para a estabilidade regional, a sustentabilidade ambiental e o crescimento econômico.

O Príncipe Faisal bin Farhan disse na 80ª Assembleia Geral da ONU que o Reino da Arábia Saudita "tem orgulho de ser um membro fundador desta organização" e pediu um multilateralismo revigorado capaz de enfrentar as crises contemporâneas. O Reino "se esforça para traduzir os princípios da Carta (da ONU) em uma realidade tangível, promovendo o respeito ao direito internacional, aumentando a paz e a segurança internacionais e apoiando a cooperação multilateral", acrescentou.

O Príncipe Faisal descreveu o sofrimento do povo palestino como "sem precedentes", com a fome declarada em Gaza. Sua situação, exacerbada pelas "práticas descontroladas" das forças de ocupação israelenses - incluindo "fome, deslocamento forçado e assassinato sistemático" - vai contra os princípios da Carta da ONU, do direito internacional e do direito internacional humanitário, disse ele.

O Príncipe Faisal alertou que esses actos estão sendo realizados "em total desrespeito aos direitos históricos e legais do povo palestino, com o objectivo de apagar seus direitos legítimos". Ele pediu o fim imediato do ataque de Israel e exigiu o fluxo irrestrito de ajuda humanitária para a população faminta de Gaza. "É hora de encontrar uma solução justa e duradoura para a questão palestina. A escalada militar não alcançará a paz ou a segurança", disse ele. "O tratamento contínuo da questão da Palestina fora das estruturas da lei e da legitimidade internacional é o que prolongou a violência e aprofundou o sofrimento." Ele pediu à comunidade internacional que assuma suas responsabilidades e ajude a alcançar o único caminho viável para a paz e a única garantia para a segurança de todos os países da região: uma solução de dois Estados, com um Estado palestino independente baseado nas linhas de 1967 e Jerusalém Oriental como sua capital. "O fracasso da comunidade internacional em tomar acções firmes para acabar com a agressão e violação israelense só causará mais instabilidade e insegurança regional e globalmente ... e aumentarão os crimes de guerra e actos de genocídio", disse o Príncipe Faisal. Ele observou o papel activo do Reino da Arábia Saudita nos esforços

internacionais. Junto com a Noruega e a UE, Riade ajudou a lançar uma coalizão para implementar a solução de dois Estados e co-presidiu com a França a Conferência Internacional de Alto Nível para a Solução Pacífica da Questão da Palestina. "Damos as boas-vindas ... o número crescente de países que reconhecem o Estado da Palestina", disse ele, expressando apoio aos esforços de reforma da Autoridade Palestina. "Tais esforços exigem mais apoio da comunidade internacional."

O Príncipe Faisal também enfatizou o compromisso do Reino da Arábia Saudita em respeitar a soberania, a desescalada e a estabilidade regional. "O Reino continua a fortalecer os laços de boa vizinhança, respeito pela soberania dos Estados e desescalada, e contribui para alcançar a calma como meio de reforçar a segurança e a estabilidade na região e no mundo", disse ele.

O Príncipe Faisal condenou os ataques ao Qatar e ao Irão, pedindo "ação internacional para impedir essas violações ... e dissuadir (Israel) de tal comportamento criminoso que ameaça a segurança e a estabilidade regionais". Ele defendeu a diplomacia sobre o confronto, pressionando por um envolvimento "positivo" no programa nuclear do Irão por meio da Agência Internacional de Energia Atômica.

O Reino da Arábia Saudita enfatiza "que a via diplomática é a maneira de abordar a questão do programa nuclear do Irão", disse ele.

O Príncipe Faisal pediu a proteção da liberdade de navegação no Mar Vermelho, no Golfo de Áden e nos estreitos estratégicos, observando que essas vias navegáveis importantes são críticas para o comércio global. Ele também alertou sobre os riscos do uso militar de inteligência artificial e armas autônomas, pedindo leis internacionais para regulá-los.

O Príncipe Faisal condenou os repetidos ataques israelenses à Síria e expressou apoio à reintegração deste país na região, argumentando que o fim da agressão israelense poderia desbloquear a cooperação econômica regional. "Apoiamos tudo o que contribua para a consolidação da segurança e estabilidade da Síria, respeitando sua soberania e integridade territorial", acrescentou.

O Príncipe Faisal reiterou o apoio de Riade a uma solução política e ajuda humanitária ao Iêmen, observando que a ajuda saudita e o apoio ao desenvolvimento ultrapassam US\$ 27 milhões, e a assistência do Reino ao Banco central do Iêmen totalizou recentemente US\$ 500 milhões, além de US\$ 260 milhões adicionais em financiamento de desenvolvimento. Ele pediu respeito pelas instituições nacionais do Sudão e o fim da interferência estrangeira no país, dizendo: "Rejeitamos quaisquer passos fora da estrutura das instituições estatais que possam prejudicar a unidade do Sudão e não reflitam a vontade de seu povo irmão".

O Príncipe Faisal pediu a retirada de Israel do Líbano, a soberania total do Estado libanês e o monopólio das armas por instituições legítimas. Ele também pressionou por um cessar-fogo e unidade institucional na Líbia.

O príncipe Faisal reiterou o apoio saudita a um acordo pacífico e negociado para a guerra Rússia-Ucrânia. Ele citou o papel de Riade em sediar negociações de paz envolvendo interlocutores russos, ucranianos e americanos. Ele também pediu uma

resolução diplomática entre a Índia e o Paquistão com base em princípios de vizinhança e diálogo pacífico. Internamente, o Príncipe Faisal destacou o progresso do Reino da Arábia Saudita sob a Visão Saudita 2030: reformas estruturais, maior participação feminina no trabalho - agora acima de 36% - desemprego caiu para 6,3%, activos de fundos de investimento público atingindo US \$ 913 bilhões e contribuições do sector não petrolífero subindo para 56% do produto interno bruto. Ele disse que o plano, uma década depois, atingiu ou excedeu 93% de seus indicadores de desempenho até o final de 2024.

O Príncipe Faisal pressionou por uma política climática e ambiental equilibrada que leve em consideração a segurança energética, acessibilidade e sustentabilidade ecológica, pedindo abordagens inclusivas que não excluam nenhuma fonte de energia. Ele apontou para a liderança do Reino da Arábia Saudita em captura de carbono, energia renovável, hidrogênio limpo, reabilitação de terras, gestão de resíduos, florestamento e controle de emissões.

O Príncipe Faisal anunciou o estabelecimento da Organização Global da Água em Riade para promover a cooperação internacional nos desafios da água e citou mais de US\$ 6 milhões em financiamento já alocado para projectos hídricos em quatro continentes. Ele disse que o Reino expandiu áreas naturais protegidas, está implantando sistemas de reciclagem de resíduos para desviar 90% dos resíduos e está reabilitando milhões de hectares de terras degradadas por meio de iniciativas regionais envolvendo 30 países. Ele apontou para a última conferência de desertificação da ONU em Riade, onde várias iniciativas globais e US \$ 12,5 bilhões em financiamento foram anunciados.

O príncipe Faisal concluiu com um apelo à comunidade internacional para agir em solidariedade, reafirmar o respeito pelo direito internacional, construir confiança entre as nações e buscar cooperação sincera e diálogo construtivo para alcançar a segurança e a paz sustentável para todos. **Fonte-Reuters.**

Príncipe Faisal realiza série de reuniões com ministros das Relações Exteriores à margem da AGNU



O ministro das Relações Exteriores saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, realizou uma série de reuniões com seus homólogos da Bósnia e Herzegovina, Chipre, Mongólia e Armênia à margem da Assembleia Geral da ONU em Nova York.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, realizou uma série de reuniões com seus homólogos da Bósnia e Herzegovina, Chipre, Mongólia e Armênia à margem da Assembleia Geral da ONU em Nova York.

As discussões se concentraram no fortalecimento dos laços, no aumento da cooperação e na revisão dos desenvolvimentos regionais e internacionais de interesse mútuo, informou a Agência de Imprensa Saudita. Na sequência das conversações, foram assinados vários acordos, incluindo um acordo com a Bósnia-Herzegovina sobre a isenção mútua de vistos de curta duração para titulares de passaportes diplomáticos, especiais e de serviço, e um acordo semelhante com a Mongólia. O Reino da Arábia Saudita concordou com um acordo geral de cooperação com Chipre e assinou um memorando de entendimento sobre consultas políticas com a Armênia. **Fonte-Reuters.**

Chefe do CCG se reúne com secretário-geral da ONU em Nova York



O secretário-geral da ONU, Antonio Guterres (à direita), recebe o secretário-geral do CCG, Jasem Albudaiwi, em Nova York.

O secretário-geral do Conselho de Cooperação do Golfo, Jasem Albudaiwi, reuniu-se ontem sábado com o Secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, na 80ª sessão da Assembleia Geral da ONU em Nova York. Guterres elogiou o papel e os esforços dos países do GCC na mediação e seu esforço constante para promover a segurança e a estabilidade globalmente, e disse que o mundo precisa das contribuições do conselho em todos os níveis, informou a Agência de Imprensa Saudita. Albudaiwi afirmou o interesse do GCC em aumentar a cooperação com a ONU para abordar questões regionais e internacionais, sendo a principal delas a crise em Gaza, e para alcançar o desenvolvimento sustentável. **Fonte-Arab News.**

No Dia Mundial do Turismo, Reino da Arábia Saudita destaca papel do sector na Visão Saudita 2030



O Reino da Arábia Saudita se juntou aos países de todo o mundo na celebração do Dia Mundial do Turismo, comemorado anualmente em 27 de setembro. O dia tem como objectivo aumentar a conscientização global sobre o significativo valor econômico, social, cultural e político do sector de turismo e seu papel no apoio ao desenvolvimento sustentável por meio de vários eventos e iniciativas. O turismo actua como um poderoso

soft power, capaz de remodelar economias e sociedades, expandindo as oportunidades de emprego, desenvolvendo infraestrutura e promovendo a compreensão intercultural. O Reino priorizou esse sector dentro das metas da Visão Saudita 2030, investindo pesadamente para promover o desenvolvimento abrangente, aprimorar a cultura de viagens e abrir amplos horizontes para visitantes globais. Recentemente, um funcionário de turismo da ONU disse que ricos activos naturais e culturais significam que o Reino da Arábia Saudita tem um forte potencial para se tornar um destino líder para o turismo de bem-estar no Médio Oriente. O turismo fornece às comunidades em todo o planeta seus meios de subsistência. A indústria mundial do turismo valia US\$ 10,9 trilhões em 2024, ou 10% da economia global, e deve contribuir com US\$ 11,7 trilhões em 2025, apoiando 357 milhões de empregos em 2024 e cerca de 371 milhões em 2025. **Fonte-Arab News.**

Comissão de saúde saudita realiza evento 'Saúde Sem Fronteiras' em Nova York



Mais de 50 palestrantes participaram no evento "Saúde sem Fronteiras" da Comissão Saudita de Especialidades em Saúde.

Mais de 50 palestrantes participaram no evento "Saúde sem Fronteiras" da Comissão Saudita de Especialidades de Saúde, realizado à margem da Assembleia Geral da ONU em Nova York. Com a participação de mais de 300 especialistas e líderes de todo o mundo, as discussões se concentraram em áreas-chave para a sustentabilidade do sistema de saúde global, incluindo facilitar a mobilidade da força de trabalho, alinhar certificações internacionais e padrões profissionais e aprimorar as capacidades de treinamento por meio de programas inovadores e governança avançada. **Fonte-Arab News.**

KSrelief e UNOPS apoiarão hospitais infantis na Síria



O Supervisor Geral da KSrelief, Dr. Abdullah Al-Rabeeah, assinou o acordo com o Director Executivo do UNOPS, Jorge Moreira da Silva.

O Centro de Ajuda Humanitária e Socorro Rei Salman e o Escritório das Nações Unidas para Serviços de Projectos assinaram um programa executivo conjunto para apoiar hospitais infantis no norte da Síria com equipamentos médicos especializados. A assinatura ocorreu à margem da 80ª sessão da Assembleia Geral da ONU na cidade de

Nova York. O Supervisor Geral da KSrelief, Dr. Abdullah Al-Rabeeah, assinou o acordo com o Director Executivo do UNOPS, Jorge Moreira da Silva. O projecto, que deve beneficiar 844.778 indivíduos, visa aumentar a capacidade de instalações de saúde essenciais e de emergência de alta qualidade para crianças nas áreas afectadas. Isso será alcançado com o fornecimento de equipamentos médicos especializados para as unidades de terapia intensiva pediátrica de três hospitais em Hama e o departamento de cirurgia cardíaca pediátrica em Aleppo. **Fonte-Arab News.**

Mauritânia apoia pressão saudita-francesa por solução de dois Estados



A Mauritânia apoia os esforços internacionais para garantir uma solução de dois Estados para o conflito israelense-palestino, uma iniciativa saudita-francesa e pedindo uma cooperação global mais forte para enfrentar os desafios de segurança, desenvolvimento e clima.

A Mauritânia apoiou ontem sábado os esforços internacionais para garantir uma solução de dois Estados para o conflito israelense-palestino, apoiando uma iniciativa saudita-francesa e pedindo uma cooperação global mais forte para enfrentar os desafios de segurança, desenvolvimento e clima.

Falando na 80ª sessão da Assembleia Geral da ONU em Nova York, o ministro das Relações Exteriores, Mohamed Salem Ould Merzoug, disse que a Mauritânia "apoia totalmente a justa causa do povo palestino" e reafirmou sua posição de que a paz no Médio Oriente depende do estabelecimento de um Estado palestino independente com Jerusalém Oriental como capital.

Ele saudou os esforços diplomáticos liderados pelo Reino da Arábia Saudita e pela França para reviver o processo de paz há muito paralisado. "A Palestina continua no centro de nossa responsabilidade compartilhada de defender o direito internacional e os princípios da justiça", disse Ould Merzoug aos delegados, pedindo à comunidade internacional que tome medidas decisivas para acabar com o sofrimento do povo palestino. Ele também sublinhou o compromisso mais amplo da Mauritânia com os valores da Carta da ONU, enfatizando que o diálogo, a diplomacia e a cooperação multilateral são as únicas ferramentas eficazes para resolver conflitos globais.

Ould Merzoug destacou as ameaças à segurança enfrentadas pela região do Sahel, onde disse que a Mauritânia e seus vizinhos continuam a combater o terrorismo e a instabilidade. Ele disse que a situação exige apoio internacional coordenado para enfrentar grupos extremistas e enfrentar as crises humanitárias que eles criam. Ele também pediu parcerias mais fortes entre nações desenvolvidas e em desenvolvimento,

alertando que a pobreza, a desigualdade e as mudanças climáticas ameaçam minar a paz internacional se não forem abordadas.

Ould Merzoug enfatizou a importância de combater a insegurança alimentar e os efeitos das mudanças climáticas, que representam desafios agudos para os países vulneráveis. Ele pediu soluções práticas que garantam o crescimento sustentável e protejam o meio ambiente. "Nenhum país ou povo deve ser deixado para trás na busca da prosperidade", disse ele. **Fonte-Reuters.**

Ministro das Relações Exteriores egípcio acusa Israel de genocídio em Gaza e agressão regional



O ministro das Relações Exteriores do Egito fez ontem sábado uma crítica contundente a Israel durante o seu discurso na 80ª sessão da Assembleia Geral da ONU, acusando-o de genocídio em Gaza e denunciando o que descreveu como a erosão do sistema internacional.

O ministro das Relações Exteriores do Egito fez ontem sábado uma crítica contundente a Israel durante o seu discurso na 80ª sessão da Assembleia Geral da ONU, acusando-o de genocídio em Gaza e denunciando o que ele descreveu como a erosão do sistema internacional. "Oitenta anos após sua criação, a ONU tem pouca semelhança com seus ideais fundadores", disse Badr Abdelatty. "O sistema multilateral está sendo corroído, os crimes são cometidos à vista do mundo e a comunidade internacional é um mero espectador." Ele condenou as ações de Israel em Gaza como parte de uma "guerra arbitrária e injusta" impulsionada por "uma ideologia israelense extremista que busca apenas destruição, matança e fome sistemática".

Abdelatty disse que os palestinos são vítimas das "práticas israelenses mais hediondas e de uma guerra brutal e injusta contra civis desarmados por nenhum crime que cometeram". Ele apontou para os ataques de Israel contra os negociadores do Hamas no Qatar, bem como as incursões na Síria e no Líbano, como evidência da agressão israelense desestabilizando não apenas a Palestina, mas a região em geral. "O Médio Oriente está à beira da explosão, pois todos os elementos de paz, segurança e estabilidade estão ausentes, sem respeito pela legitimidade internacional", disse ele. "A contínua ocupação israelense, o genocídio que ocorre hoje na Faixa de Gaza, privando o povo palestino de seus direitos legítimos, principalmente o direito de estabelecer seu estado independente - isso esvazia qualquer narrativa de paz e segurança na região. "Israel não pode estar seguro quando os outros não estão seguros. A região não pode ver estabilidade sem um Estado independente da Palestina."

Abdelatty reiterou a promessa do Egito de não tolerar o deslocamento forçado de palestinos de Gaza. **Fonte-Reuters.**

Aplausos quando San Marino reconhece a Palestina na Assembleia Geral da ONU



O ministro das Relações Exteriores de San Marino, Luca Beccari, discursa na 80ª Assembleia Geral das Nações Unidas na sede da ONU na cidade de Nova York, EUA, em 27 de setembro de 2025.

San Marino reconheceu oficialmente ontem sábado a Palestina na 80ª sessão da Assembleia Geral da ONU. "Em 15 de maio, nosso parlamento, com apoio unânime, determinou que o governo reconhecesse o Estado da Palestina ainda este ano. Hoje, diante desta Assembleia, anunciamos o cumprimento desse mandato: San Marino reconhece oficialmente o Estado da Palestina", disse o ministro das Relações Exteriores, Luca Beccari. O salão ressoou com aplausos quando San Marino se juntou ao crescente número de nações que reconhecem a Palestina.

Beccari afirmou o reconhecimento da Palestina por San Marino "como um Estado soberano e independente dentro de fronteiras seguras e internacionalmente reconhecidas, de acordo com as resoluções da ONU".

Ele acrescentou: "Ter um Estado é um direito do povo palestino. Não é, e nunca poderá ser, uma recompensa para o Hamas."

Beccari disse que esta decisão se alinha com a posição de San Marino apresentada em julho passado na conferência de alto nível presidida pelo Reino da Arábia Saudita e França. Ele lamentou a catástrofe humanitária que se desenrola em Gaza e na Cisjordânia, descrevendo-a como "insuportável" e "uma das tragédias mais dolorosas e duradouras do nosso tempo".

Beccari condenou "inequivocamente" o ataque do Hamas a Israel em 7 de outubro de 2023 e novamente pediu a libertação imediata e incondicional de todos os reféns.

Ele também reiterou o apelo de seu país por um cessar-fogo imediato e permanente em Gaza, acesso humanitário total e desimpedido e o fim do assentamento ilegal de Israel em terras palestinas na Cisjordânia, que sabota qualquer "possibilidade concreta de paz". Ele acrescentou: "Nada pode justificar a punição colectiva do povo palestino por meio de bombardeios indiscriminados, fome e deslocamento. Ele concluiu: "Nesta hora sombria, nossa responsabilidade se torna urgente". **Fonte-Reuters.**

Ministro das Relações Exteriores do Sultanato de Omã pede pressão global para trazer Israel à mesa de negociações



É a questão mais importante entre um "amplo espectro de questões críticas que pesam muito sobre a consciência humana" do mundo, acrescentou.

A comunidade internacional deve pressionar Israel a levá-lo à mesa de negociações sobre a guerra em Gaza, disse ontem sábado o ministro das Relações Exteriores do Sultanato de Omã na 80ª Assembleia Geral da ONU. A questão palestina é "profundamente dolorosa e duradoura", disse Badr Al-Busaidi, pedindo que ela "tenha precedência em nossas deliberações e decisões". É a questão mais importante entre um "amplo espectro de questões críticas que pesam muito sobre a consciência humana" do mundo, acrescentou. "Por muito tempo, esse conflito persistiu, o sofrimento se tornou insuportável e chegou a hora de acabar com a ocupação, desfazer a injustiça e restaurar os direitos legítimos do povo palestino por meio da implementação da solução de dois Estados." O crescente reconhecimento global do Estado palestino é "o passo mais crucial" na causa palestina, disse Al-Busaidi. Ele elogiou os países que reconheceram a Palestina na semana passada, incluindo Reino Unido, França, Canadá e Austrália.

Embora a ONU "incorpore nosso compromisso colectivo de trabalhar juntos pela paz e resolver conflitos por meio do diálogo e de meios pacíficos e legais", disse Al-Busaidi, "Israel continua a desconsiderar os apelos internacionais, recusando-se a se envolver em um diálogo sério que levaria a uma solução justa e abrangente" para a questão palestina. "Seu uso contínuo da força e desrespeito pela razão ameaçam a credibilidade do sistema internacional", acrescentou. "É nossa responsabilidade compartilhada intensificar nossos esforços e aplicar pressão efectiva para trazer Israel à mesa de negociações e deixar claro que o caminho para a paz não pode ser forjado por meio de ditados ou da imposição de um facto consumado, mas sim por meio da compreensão mútua e do respeito pelo direito internacional e pelos direitos dos povos." A comunidade internacional deve adoptar medidas contra as políticas de Israel de "genocídio, destruição e ocupação ilegal", disse ele.

Al-Busaidi destacou o apoio de seu país ao Qatar após os ataques israelenses à sua capital, Doha, no início deste mês. Ele também condenou os ataques israelenses ao Irão, Iêmen, Síria e Líbano. "Pedimos a imposição de sanções a Israel em resposta às suas flagrantes violações do direito internacional e suas invasões ilegais à soberania dos Estados." O Sultanato de Omã tem servido como o principal mediador nas negociações entre os EUA e o Irão e espera desempenhar um papel fundamental na promoção da paz e segurança internacionais, disse Al-Busaidi. "O mundo hoje está passando por um dos períodos mais complexos e difíceis da história moderna, marcado por uma convergência sem precedentes de crises políticas, económicas e humanitárias globais", acrescentou.

"Em meio a circunstâncias críticas, a comunidade internacional é claramente incapaz de tomar decisões decisivas e eficazes que possam ajudar a diminuir os conflitos, aliviar o sofrimento humano ou enfrentar as crises de uma perspectiva justa e abrangente." No entanto, o "momento actual" oferece uma "oportunidade real" para buscar justiça e equidade internacionais por meio da renovação da ação colectiva, disse Al-Busaidi. "Este é o caminho para realizar as aspirações dos povos por liberdade, prosperidade e um futuro justo, estável e próspero." **Fonte-Reuters.**

Emirados Árabes Unidos reiteram 'linha vermelha' sobre anexação da Cisjordânia



A ministra assistente para assuntos políticos e enviada do ministro das Relações Exteriores dos Emirados Árabes Unidos, Lana Nusseibeh, discursa na 80ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, sábado, 27 de setembro de 2025, na sede da ONU.

Somente um Estado palestino pode pôr fim ao conflito israelense-palestino, disse ontem sábado uma alta funcionária dos Emirados na 80ª Assembleia Geral da ONU. Lana Nusseibeh, ministra assistente para assuntos políticos e enviada do ministro das Relações Exteriores, repetiu a advertência dos Emirados Árabes Unidos a Israel sobre as propostas de anexação da Cisjordânia, acrescentando que o mundo está enfrentando ameaças à soberania nacional e ideologias rastejantes que estão "trabalhando juntas para destruir as bases do progresso e do desenvolvimento". Ela disse: "Nada pode justificar o deslocamento de dezenas de milhares de civis de Gaza, bem como da Cisjordânia". Seus comentários seguem a denúncia do seu país sobre as ameaças israelenses de anexar a Cisjordânia. Os Emirados Árabes Unidos, que normalizaram as relações com Israel há cinco anos, disseram no início deste mês que qualquer tentativa de anexação representaria uma "linha vermelha" no relacionamento bilateral.

Nusseibeh disse que qualquer Estado palestino em potencial não deve conter elementos com ligações com terrorismo ou extremismo e deve restringir as armas ao uso militar. Ela também condenou a "mobilização incompreensível" de Israel contra o Qatar no início deste mês. O ataque, que teve como alvo os negociadores do Hamas na capital Doha, mostrou um "claro desrespeito" pela "segurança nacional do Qatar e pela segurança da região árabe, bem como pelos princípios internacionais fundamentais", disse Nusseibeh. Ela expôs as principais demandas dos Emirados Árabes Unidos para trazer a paz a Gaza: um cessar-fogo imediato e permanente, o fim do cerco de Israel, a libertação de reféns pelo Hamas e outros grupos militantes e a entrega urgente e desimpedida de ajuda humanitária em escala. "Os Emirados Árabes Unidos continuam seu papel como o maior doador de ajuda a Gaza, mobilizando todas as suas relações, recursos e capacidades para esse fim", disse Nusseibeh. "Continuaremos a entregar ajuda aos mais necessitados, apesar das restrições e obstáculos." **Fonte-Reuters.**

Envolver-se com a Ásia Central faz todo o sentido para os EUA



LUCAS COFFEY

26 de Setembro de 2025



A reunião do C5+1 esteve ausente este ano em comparação com as reuniões anteriores da AGNU, apesar de seu 10º aniversário.

Enquanto dezenas de líderes mundiais desciam a Nova York para a Semana de Alto Nível da Assembleia Geral da ONU, centenas de reuniões ocorreram em toda a cidade entre presidentes, primeiros-ministros, ministros e altos funcionários. Esses encontros variaram de sessões bilaterais cuidadosamente coreografadas a conversas informais à margem do maior encontro diplomático do mundo. No entanto, uma reunião esteve notavelmente ausente este ano em comparação com as reuniões anteriores da AGNU: o C5+1.

Este agrupamento - composto pelos cinco estados da Ásia Central do Cazaquistão, Quirguistão, Uzbequistão, Turcomenistão e Tadjiquistão, além dos EUA - se reúne neste formato todos os anos desde a sua criação em 2015. Este ano é o 10º aniversário da fundação da principal plataforma diplomática dos Estados Unidos para se envolver com os estados da Ásia Central, o que torna a ausência de uma reunião ainda mais notável.

Durante a maior parte da última década, o secretário de Estado dos EUA se reuniu com seus colegas da Ásia Central à margem da AGNU. Em algumas ocasiões, o encontro aconteceu dentro da própria região e em 2020 e 2021 foi realizado virtualmente por causa da pandemia. Mas nunca, desde que o formato foi criado, se passou um ano sem uma reunião do C5+1.

O silêncio deste ano é intrigante, especialmente considerando que o governo Trump, nos últimos meses, tomou medidas para aprofundar o envolvimento dos EUA com a Ásia Central. Na verdade, ela tem se movido em direcção aos contornos de uma política regional, mesmo que algumas dessas medidas pareçam não ter sido planeadas ou acidentais.

Tomemos, por exemplo, os anúncios do presidente Donald Trump na véspera da assembleia da ONU, nos quais ele revelou dois grandes negócios com o Cazaquistão e o Uzbequistão. O Cazaquistão gastará US \$ 4 bilhões na próxima década para comprar locomotivas fabricadas nos Estados Unidos para sua rede ferroviária - o maior acordo desse tipo já assinado com os EUA. O Uzbequistão, por sua vez, gastará bilhões em aeronaves da Boeing para sua companhia de bandeira. Esses negócios em grande escala são o tipo de diplomacia transaccional que Trump gosta, enquanto também têm o efeito de vincular a região mais estreitamente aos EUA.

Outras acções tomadas pelo governo Trump, seja por design ou por padrão, também podem formar a base de uma estratégia americana séria para a Ásia Central. Um dos exemplos mais marcantes é o esforço de Trump para trazer a paz entre a Armênia e o Azerbaijão. Essa paz levará à criação da "Rota Trump para a Paz e Prosperidade Internacionais", um novo corredor comercial e de trânsito que ajudará a conectar a Turquia à Ásia Central através da Armênia e do Azerbaijão. Essa rota adicionará resiliência ao corredor existente que atravessa a Geórgia e o Azerbaijão e poderá melhorar significativamente as conexões logísticas dos Estados Unidos com os mercados da Ásia Central.

Sem a Turquia - aliada dos EUA na Otan - Washington teria dificuldades para acessar a região. A Ásia Central não tem litoral e está amplamente cercada: Rússia ao norte, China a leste e Irão e Afeganistão ao sul. O único caminho realista para os bens, serviços e influência americanos está a oeste, através do sul do Cáucaso.

Outro elemento notável foram os comentários públicos de Trump sobre o restabelecimento de uma presença militar dos EUA no aeródromo de Bagram, no Afeganistão. Poucos locais no mundo são tão estratégicos quanto Bagram. Localizado no coração da Eurásia, oferece um ponto de vista sobre a Ásia Central, Sul da Ásia e até partes do Médio Oriente. Foi uma grande loucura para os EUA abandonar a base durante a sua desastrosa retirada do Afeganistão. Ainda não se sabe se Trump pode encontrar uma maneira de devolver as forças americanas a Bagram. Mas se ele for bem-sucedido, a mudança quase certamente será bem-vinda em particular nas capitais da Ásia Central.

Ainda assim, mesmo com a assinatura de acordos comerciais de alto nível, a previsão de novos corredores de transporte e a especulação sobre um retorno dos EUA ao Afeganistão, alguns fundamentos de uma abordagem americana coerente para a Ásia Central permanecem intocados.

Primeiro, ainda não há reunião do C5+1 no calendário para 2025, apesar da importância simbólica do 10º aniversário. Em segundo lugar, os EUA devem estar se preparando para lançar uma nova estratégia para a Ásia Central este ano. A última estratégia desse tipo foi revelada em fevereiro de 2020, durante o primeiro mandato de Trump, e Washington tradicionalmente actualiza sua estratégia regional a cada cinco anos. No

entanto, assim como na falta da reunião do C5+1, também não há sinais de progresso nessa frente.

Para os EUA, o envolvimento com a Ásia Central faz todo o sentido. A região é rica em recursos naturais, incluindo petróleo, gás natural e minerais de terras raras que têm sido uma prioridade para o governo Trump. Os estados da Ásia Central, quase por necessidade, buscam estratégias de equilíbrio na política externa, procurando parceiros externos para compensar a influência esmagadora da Rússia e da China. Desde que conquistaram a independência após o colapso da União Soviética na década de 1990, eles também provaram ser parceiros úteis para Washington, cooperando no contraterrorismo, segurança energética e estabilidade regional.

No entanto, apesar desse histórico, nenhum presidente dos EUA jamais visitou a Ásia Central. Essa ausência fala muito e destaca o quanto mais poderia ser feito. Uma visita presidencial à região, programada para coincidir com uma reunião de chefes de Estado do C5+1, enviaria um forte sinal do compromisso americano. Combinar essa visita com a publicação de uma nova estratégia abrangente para a Ásia Central daria a Washington uma abordagem mais coerente e tranquilizaria os parceiros locais de que o envolvimento dos Estados Unidos é sério e sustentado.

A importância da Ásia Central só crescerá nos próximos anos. Sua geografia a coloca na encruzilhada da Eurásia, enquanto sua política e recursos a tornam uma zona de competição entre grandes potências, gostem ou não seus líderes. Se os Estados Unidos pretendem administrar seus interesses globais em uma era de rivalidade entre grandes potências, a Ásia Central não pode ser ignorada.

Luke Coffey é membro sênior do Instituto Hudson. X: @LukeDCoffey

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA
NACIONAL DE ANGOLA
1975-2025**

Preservar e valorizar as conquistas
alcançadas, construindo um futuro melhor